

Terceiro Mundo

Luisa Duarte

O terceiro mundo de Marilá Dardot é sinônimo de liberdade. Trata-se de um terceiro que não é fruto da dialética clássica; um terceiro que não é mera síntese, mas instauração de uma diferença. A artista sabe do significado usual dessa expressão - sinônimo de países subdesenvolvidos. Mas aqui o um, o primeiro, não está hierarquizado como o vencedor.

O embate entre um e dois não é uma competição, mas sim um encontro, ou desencontro, que gera um terceiro – o diverso do já dado, a resultante de confluências, cruzamentos.

Dardot se apropria de trabalhos de outros artistas e escritores e a partir deles, por conta deles, deflagra uma nova criação. Nesse ato dilui a noção de obra acabada e afirma aquela do trabalho em processo, conjunto, em pedaços, fruto justamente dos encontros, e não de uma autoria fechada, autônoma.

Na mostra, a instauração desse outro lugar começa com a delimitação de um território – uma nova sala dentro da sala de exposições tradicional foi construída. Dentro dessa sala encontra-se uma espécie de pequeno museu. Reproduções de “obras de arte” seguidas de verbetes criam um novo olhar, adicionam um outro sentido, ou somente embaralham o significado primeiro diante daquilo que foi apropriado pela artista.

Esse museu se organiza por categorias: água, relógios, flora, mapa, etc. Aqui o tempo, por exemplo, quando dito como aquele que é um dia como outro qualquer, qualquer é, de fato, notem, um dia tão importante como todos os outros.

Essas obras eleitas por Marilá Dardot respiram a mesma sutileza política que habita os seus trabalhos. A artista erige em toda sua trajetória uma constante crítica ao modo de vida imposto pelo capital, sem por isso ser literal ou panfletária.

Seu terceiro mundo é uma metáfora da possibilidade de transformação, de uma reinvenção diante de categorias já dadas, impostas. Um outro mundo deflagrado a partir do contato com manifestações de outros artistas, ou seja, a sinalização de que esse contato pode engendrar novas obras, inflamar vidas, mudar o curso de um olhar.

Marilá Dardot nos recorda que a chance de construirmos um terceiro mundo, ou seja, uma diferença, pode ter início na aproximação com a arte. Assim, não só o artista pode ser sujeito de uma mudança, mas essa possibilidade está endereçada a cada um de nós.

Texto escrito para a exposição Introdução ao Terceiro Mundo, CCBB, Rio de Janeiro,
2011